

EDITORIAL

"A luta continua..."

Iniciamos nosso editorial com a memorável frase que tantas vezes foi pronunciada pelo ex-sindicalista Luis Ignácio Lula da Silva.

É verdade que, atualmente, no exercício da Presidência da República, esqueceu os direitos dos trabalhadores e repete o gesto daqueles que já ocuparam sua cadeira.

Lamentavelmente, o Ministério da Cultura, ainda, não atendeu as reivindicações dos seus funcionários e as diversas instituições museológicas continuam de portas fechadas.

Situação lastimável e vergonhosa para o contingente de turistas que estarão na Cidade do Rio de Janeiro por ocasião dos Jogos Pan-americanos. Infelizmente, serão privados de conhecer um pouco da história nacional preservada nos museus cariocas.

Reproduziremos, neste número, a matéria "Museus à beira de um ataque de nervos", de Sucena Shkrada Resk, publicada na Revista Desafios do Desenvolvimento do IPEA, nº 33 de abril/2007 e a feliz crônica "Sorria, você está num museu!" de Tutty Vasques, publicada na Veja Rio de 20 de junho/2007.

Informamos que a Secretária, Fabiana Ferreira, estará de férias entre 13 de julho e dia 16 de agosto. A diretoria atenderá toda quinta-feira das 14 às 17 horas.

MUSEUS À BEIRA DE UM ATAQUE DE NERVOS

Por Sucena Shkrada Resk, de São Paulo

O Brasil conta com cerca de 2,3 mil instituições museológicas ativas, mas praticamente todas sofrem com a falta de público, de recursos e de profissionais qualificados. Atualmente, 76 estão com as portas fechadas. As esperanças do setor depositadas no Sistema Brasileiro de Museus, um novo regime de gestão que começou a ser implantado em 2003.

Museus públicos e privados brasileiros enfrentam hoje uma batalha diária para garantir a sobrevivência no mercado cultural. Falta de recursos para melhorar a infraestrutura, a programação e o acervo, além de carência de mão-de-obra qualificada, são as principais dificuldades apontadas pelas instituições. Das 2.285 unidades distribuídas no país, 76 estão com as portas fechadas, enquanto outras centenas convivem com o fantasma da crise. As estatísticas integram o Cadastro Nacional do Departamento de Museus e Centros Culturais do Instituto do Patrimônio Artístico Nacional, do Ministério da Cultura (Iphan/Minc).

Um dos anúncios mais recentes foi o fechamento em março, por tempo indeterminado, do Museu Internacional de Arte Naïf do Brasil (Mian), no Rio de Janeiro, coordenado pela Fundação Lucien Finkelstein. À procura de parceiros, atualmente a instituição conta com o apoio da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, na cobertura a um terço de suas despesas. O espaço cultural inaugurado em 1995 é considerado um dos mais importantes representantes mundiais do gênero de pintura intitulado de ingênuo e primitivo, com um acervo superior a 6 mil obras, algumas do século XV.

"Não temos previsão de reabertura. Por enquanto, atenderemos visitas agendadas e monitoradas com no mínimo dez pessoas. O museu aberto custa muito caro, desde a folha de pagamento até as contas de consumo. Nos últimos anos, tivemos dificuldades para consolidar projetos com a iniciativa privada e com outras fontes de recursos públicos. Estamos concentrando esforços nesse sentido para mudar esse quadro," afirma a diretora da instituição, a museóloga Jacqueline Finkelstein.

Ao completar 60 anos, o maior acervo de arte moderna da América Latina, o Museu de Arte Moderna de São Paulo – Assis Chateaubriand (Masp), também não escapa aos problemas financeiros e vê seu público minguar ano a ano. Administrado pela sociedade civil sob a presidência do arquiteto Júlio Neves, a instituição, nos últimos anos, acumulou um caixa negativo que chega a 10 milhões de reais.

Sem uma solução imediata, o atual curador coordenador do Masp, o crítico de arte Teixeira Coelho, defende que uma das saídas para revitalizar a instituição é investir na formação de coleções mais completa e atrativas ao público, por meio da troca de obras de determinado artistas com outras instituições, além de buscar efetivamente patrocinadores. O patrocínio foi o único meio de garantir recentemente a mostra de uma coleção internacional de obras do artista espanhol Francisco de Goya.

A parceria público-privada parece ter se tornado imprescindível. Pelo menos essa é a opinião de Vera Lúcia Bottrel Tostes, diretora do Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro, uma unidade federal inaugurada em 1922, detentora de um dos maiores acervos nacionais, superior a 268 mil peças. "Hoje, mais de dois terços dos recursos da instituição, 3,87 milhões de reais, provêm de convênios, e cerca de 1,7 milhão de reais vêm do Iphan, valor que é destinado à manutenção básica de infraestrutura", diz. Para manter um público anual na faixa de 150 mil pessoas, a diretora conta que é estratégico recorrer à versatilidade. "Promovemos exposições temporárias, espetáculos de música, teatro e programação para crianças, além de outros eventos culturais", relata.

A maior dificuldade enfrentada pelo Museu, segundo a diretora, é a renovação e a ampliação de seu quadro funcional, preenchido por 70 profissionais fixos e o mesmo número de temporários. Em concurso aberto pelo Iphan no ano passado, a unidade recebeu só um arquivista e um historiador. "Nosso acervo é muito grande e precisamos de profissionais especializados. Algumas técnicas têm de ser passadas de geração para geração e não se aprendem só na universidade. Mantemos cursos de formação, mas não conseguimos captar essa mão-de-obra, que acaba indo para outras opções mais atrativas financeiramente no mercado", constata Tostes. O maior exemplo desse déficit operacional está na manutenção da coleção de moedas do museu, que é a maior da América Latina. "Só temos dois profissionais para cuidar do acervo e um deles está preste a se aposentar."

Para Cristina Tejo, diretora do Museu Municipal de Arte Moderna Aloísio Magalhães (Mamam), no Recife (PE), o trâmite lento da viabilização dos recursos provenientes de órgãos governamentais é outro fator que obriga os gestores a buscar o auxílio da iniciativa privada. "A verba institucional geralmente só cobre as despesas básicas e a programação anual e não dá para fazer obras de manutenção", relata.

Segundo a diretora, atualmente o museu precisa reformar urgentemente suas instalações elétricas e ampliar sua acessibilidade para atender o público com segurança. "O prédio é de madeira e tem três pisos sem dispor de um elevador. Com isso, inviabiliza a visita de idosos e portadores de deficiência. Já enviamos projetos ao governo federal e preparamos incursões com a iniciativa privada, além de ampliar o diálogo com a sociedade civil para tentarmos obter os recursos."

Longo prazo Marcelo Mattos Araújo, diretor da Pinacoteca do Estado de São Paulo, que está no hall dos mais tradicionais e eficientes espaços de arte do Brasil, afirma que um dos aspectos importantes na gestão museológica é não perder a perspectiva de planejamento de médio e longo prazo. Projetos imediatistas, segundo ele, podem ser fatais para as instituições. Mesmo assim, como os demais museus brasileiros, tem dificuldades de fazer novas aquisições para o acervo, dependendo praticamente de doação. Também não consegue efetivar projetos de modernização, como da página na Internet, que se encontra em manutenção.

" Para manter a instituição viva, nosso desafio é buscar a articulação entre o

poder público, e a sociedade civil e a iniciativa privada, além de acompanhar as novas linguagens contemporâneas e promover a inclusão social, por meio de entrada gratuita no museu aos sábados, entre outras ações”, afirma Araújo. Com um público anual aproximado de 500 mil pessoas, a Pinacoteca do estado possui atualmente um acervo com cerca de 6,5 mil itens de obras artísticas que vão desde a segunda metade do século XIX até a fase contemporânea. O sucesso de público, entretanto, não pode ser utilizado como elemento absoluto de avaliação, na opinião do diretor. “O que devem ser julgadas são a natureza e a qualidade dessa relação”, diz.

Infra-estrutura O quadro da crise do setor museológico ganha mais elementos quando ingressa no interior do Brasil. Na cidade de São Raimundo Nonato, no Parque Nacional da Serra da Capivara (PI), a coordenadora da Fundação Museu do Homem Americano (Fumdam), a antropóloga Niède Guidon, afirma que tem como principal adversária a precariedade da infra-estrutura logística local. Segundo a especialista, a situação pode comprometer o futuro da unidade, que é a única referência sistematizada no Brasil sobre arte rupestre, com um acervo composto por mais de 1 milhão de peças.

“O maior problema são os sucessivos adiamentos e investimentos financeiros perdidos pela gestão pública, desde 1998, para a construção do aeroporto internacional na região”, critica. Segundo Niède, as obras foram interrompidas, apesar de o empreendimento ser estratégico para a implementação de um pólo turístico voltado para o desenvolvimento socioeconômico local. O governo do Piauí anunciou que a inauguração do aeroporto está programada para o ano que vem.

“Sem aeroporto e com as estradas esburacadas, que representam um perigo terrível, principalmente na estação das chuvas, são recebidos somente 12 mil turistas por ano, em vez dos 3 milhões aguardados. Desde modo, fica difícil assegurar a manutenção do Museu e, sobretudo, manter a exposição em dia com as novas descobertas”, diz. Só no ano passado foram descobertos mais de 200 sítios arqueológicos, segundo Niède.

A arqueóloga afirma que essa situação dificulta a auto-sustentabilidade do projeto e prejudica os investimentos do projeto e prejudica os investimentos feitos até agora. A instituição chegou a receber recursos de diversos organismos, como o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), que possibilitou a contratação de uma firma suíça responsável pelo estudo destinado à organização e pela oferta de atrativos às visitas. O Iphan em 2005 também apoiou a modernização de parte da exposição.

Espelho do país O diretor do Departamento de Museus e Centros Culturais do Iphan/Minc, José do Nascimento Júnior, constata que a realidade dos museus brasileiros espelha a realidade do país. “São instituições vivas e, nesse sentido, refletem o contexto econômico, social e cultural onde estão inseridas. Assim, os problemas vão de infra-estrutura à falta de qualificação de pessoal”, diz.

Para Adolfo Nobre, presidente da Associação Brasileira de Museologia (ABM), na maioria dos casos falta compreensão por parte dos gestores quanto ao papel dos museus e suas finalidades. “São instrumentos para o desenvolvimento social, de percepção crítica da realidade, suporte educativo, gerador de renda e de auto-estima”, afirma. Outras dificuldades são decorrentes da ausência de padrões universais definidos, o que estimula a prática de procedimentos informais que vão desde a aquisição até o descarte de acervos, passando por atividades de restauro e permissão de reprodução não documentada devidamente.

Nobre considera que atualmente os pequenos museus municipais registram a maior dificuldade do sistema para adequar-se a um padrão mínimo de gestão museológica, pois, em muitos casos, não têm orçamento próprio nem profissionais qualificados. “Os maiores problemas de uma gestão são falta de um horizonte definido e o desconhecimento do instrumento que se tem em mãos para alcançar os objetivos pretendidos”.

Mas o Departamento de Museus e Centros Culturais do Iphan/Minc começou, em 2003, a dar os primeiros passos para achar com essa “informalidade” da gestão dos museus. Nesse ano foi lançada a Política Nacional de Museus (PNM), que resultou na criação do Sistema Brasileiro de Museus. O novo modelo administrativo ainda está em fase de implementação, em parceria com municípios, estados e sociedade civil. Segundo o órgão federal, o objetivo é organizar e otimizar projetos nas unidades públicas e

privadas distribuídas pelo país.

Cadastramento Uma das ações mais recentes foi a criação do Cadastro Nacional dos Museus, resultado de um levantamento realizado entre março e outubro de 2006, quando foi celebrado o Ano Nacional dos Museus, atualizado no mês passado. O novo levantamento aponta a existência de 2.403 instituições mapeadas, o que representa mais de 400% do total cadastrado no último guia publicado no Brasil, em 2000. Nesse panorama estão incluídos também museus fechados (76) ou em processo de implementação (42) entre 2007 e 2008. A maioria é do tipo presencial, sendo somente dezenove virtuais.

Segundo Nascimento Júnior, diretor do departamento, alguns dos resultados significativos do PNM são o fortalecimento de políticas públicas por meio do cadastro e o aumento de editais de financiamentos, que já possibilitaram a modernização do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli e a implementação do Programa de Registro, Difusão e Salvaguarda das Manifestações Culturais do Estado do Pará. São investidos aproximadamente 95 milhões de reais ao ano, entre Orçamento federal e Lei Federal de Incentivo à Cultura.

O problema está na concentração dos investimentos nas regiões Sul e Sudeste do país, onde ficam 70% das unidades, de acordo com Nobre, da ABM. " Isso se deve só ao fato de que a maioria das instituições estão instaladas nessas regiões, mas também à falta de qualificação profissional para a elaboração de projetos de captação nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste". O museólogo estima que a questão será gradualmente resolvida com políticas afirmativas e com o reforço no oferecimento de cursos e oficinas de elaboração de projetos nessas regiões.

Capacitação O Programa Nacional de Formação e Capacitação do PNM existe desde 2003 e até agora registrou mais de 11 mil participantes em 22 estados e no Distrito Federal, mas ainda não foi suficiente para solucionar uma das maiores carências do setor: a de mão-de-obra qualificada. "Esperamos em 2007 atingir a marca de cem oficinas, capacitando aproximadamente 15 mil pessoas", diz Nascimento Junior. Na grade há tema como Implantação Gestão, Organização e Segurança em Museus. As ações também se estendem as parcerias com universidades para a criação de cursos de graduação e pós-graduação em Museologia.

Até 2003, apenas a UniRio e a Universidade Federal da Bahia (UFBA) formavam museólogos no país. Atualmente, a situação melhorou um pouco. Estão em funcionamento um curso de pós-graduação no nível de mestrado e mais três de graduação vinculados à Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), no Rio Grande do Sul, à Fundação Educacional Barriga Verde (FEBAVE), em Santa Catarina, e à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). São previstos mais quatro cursos, ainda em fase de implantação, nas Universidades Federais do Pará (UFPA), de Brasília (UnB), de Minas Gerais (UFMG) e de Sergipe (UFS).

Outra medida tomada no ano passado pelo Departamento de Museus e Centros Culturais do Iphan/Minc foi a aprovação de uma portaria para regulamentar a ligação entre associações de amigos de museus e as instituições federais. Segundo Nascimento Junior, a medida tornará a relação mais transparente. "As associações têm contribuído de forma positiva para o processo de sustentabilidade e para a melhoria das instituições museológicas, mas é importante que esse intercâmbio seja claro para a sociedade e as esferas públicas", afirma.

Adolfo Nobre, da ABM, explica que o controle é necessário porque as associações de amigos de museus, em muitos casos, funcionam como principal fonte de recursos das unidades, pela facilidade que têm de arrecadar e gastar, sem necessidade de enfrentar os trâmites burocráticos exigidos pelas leis que regulam o uso de verbas públicas. "Já são conhecidos casos em que os museus se tornaram reféns de suas associações, e vice-versa. Fico receoso apenas quanto ao caráter legal da portaria, já que a Constituição Federal estabelece a liberdade de associação e o Código Civil prevê as formas de organização dessas entidades", analisa Nobre. O museólogo acredita que a destinação de mais recursos públicos aos museus federais atenuará essa situação.

Criação do Ibram Na pauta do Programa Nacional de Museus (PNM), o que ainda é aguardado pelo setor, está a aprovação do Projeto de Lei que cria o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), uma nova autarquia para gerir os 28 museus atualmente ligados ao

Iphan. Os ministérios do Planejamento e da Cultura estão na fase final de elaboração do texto. "Esperamos que, com o lançamento ainda em 2007, haja um avanço nos programas e projetos específicos que colaboram para o crescimento do setor", diz Nascimento Junior, do Iphan/Minc.

Nobre, da ABM, explica que a criação de uma instituição dessa natureza é uma reivindicação antiga da comunidade museológica. "Poderá estabelecer uma nova fase para os museus no Brasil, longe do colecionismo dos ilustrados, das propagandas de estado e dos estereótipos de depósito de coisas velhas", considera.

O Estatuto dos Museus que é a normatização do setor, é mais uma lacuna a ser preenchida e está sob análise na Câmara dos Deputados. "O texto foi objeto de ampla discussão com o Comitê Gestor do Sistema Brasileiro de Museus, resultando no Projeto de Lei nº. 7.568/06. Certamente quando for aprovado será um marco regulatório", analisa Nascimento Júnior. A estimativa é que a votação ocorra ainda neste semestre.

Educação Apesar de todas as ações já desenvolvidas até agora pelo PNM, Nascimento Júnior afirma que a tarefa de melhoria e sustentabilidade dos museus brasileiros tem ainda uma longa trajetória pela frente. "É preciso adensar as ações da Política Nacional para que se tornem uma política de Estado. Para tanto, precisamos ampliar as possibilidades de financiamento e fomento em todas as esferas de governo e não apenas no governo federal", afirma.

O antropólogo conclui que as transformações devem ocorrer também na área de educação. "A escola é um espaço de formação humanística e precisa incorporar em seu currículo conteúdo que sensibilize os jovens e as crianças para as questões de memórias e patrimônio. Essa revolução poderia, a princípio ser capitaneada pelas secretarias municipais e estaduais de Educação", diz. O fato de o universo museológico nacional requerer ainda muito aprimoramento não impede que novos projetos estejam em andamento no país. O que é possível registrar atualmente é a ampliação da visão empresarial com mais ênfase em iniciativas temáticas de grande porte, além de projetos com coleções particulares, entre outras.

Nesse viés, um dos anúncios mais recentes é o início das obras do Museu do Futebol, no Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu), em São Paulo. O projeto, lançado no final de 2005, tem previsão de inauguração em 2008. Orçado em 25 milhões de reais, reúne o poder público municipal com a Fundação Roberto Marinho, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e parceiros da iniciativa privada. Mas, como qualquer outro empreendimento, vai requerer após sua inauguração uma gestão modernizada para enfrentar os obstáculos impostos hoje pelo mercado cultural.

SORRIA, VOCÊ ESTÁ NUM MUSEU!

Vida de cronista é um inferno. Está difícil, caros leitores, muito difícil escapar do lugar-comum que andam sussurrando no breu das tocas. Vocês sabem do que estou falando: todo dia o noticiário nos inicia à ladainha dos indignados. É preciso resistir à tentação de virar porta-voz do que estão falando alto pelos botecos: "basta!", "assim não dá!", "onde vamos parar?", "a situação está fora de controle", "é o fim do mundo", enfim, o famoso estado de coisas a que chegamos, o tal lugar-comum que anda nas cabeças, anda nas bocas.

O que será que será que resta dizer quando não se quer falar no que não tem conserto nem nunca terá? O pior é que o queixume faz um sucesso danado: o leitor – ô raça! – adora quem dá forma escrita ao senso comum do pessimismo. Soa verdadeiro, autêntico e corajoso declarar que não dá mais para viver no Rio de Janeiro, que o Brasil não tem governo nem nunca terá, a conversa mole de sempre.

Nessas horas o melhor é ir buscar inspiração lá fora, deixar-se surpreender pela cidade que, basta olhar a paisagem em volta, não é, positivamente, lugar comum. Lá fui eu, do CCBB vizinho da Candelária ao Sesc Copacabana, dia de luz, festa de sol, lagoa, mar, baía, uma tarde inteira no circuito mais popular e democrático do balneário, experimente só dar uma olhada no roteiro cultural de museus e galerias. Na semana passada, contei 21 opções grátis de programas do gênero, alguns instalados em raros templos cariocas do Primeiro Mundo das artes.

A tal "cidade partida" que Zuenir Ventura diagnosticou há mais de uma década parece sarada nas mostras e exposições em cartaz no Rio de Janeiro. Vêem-se muito

mais negros e suburbanos hoje em eventos de artes plásticas do que em teatros, por exemplo. A paisagem humana é por vezes mais brasileira na Casa França-Brasil do que num multiplex desses qualquer.

O carioca como ele é – alô, alô, Realengo, aquele abraço! – está exposto na instalação Auto-retrato Falado, cujo resultado vai tomando as paredes do estande montado no foyer do CCBB. O projeto do multimídia Jair de Souza convida o público a construir a própria imagem a partir de 8000 elementos faciais captados no rosto de 1000 pessoas de todas as idades, sexos e origens fotografadas uma a uma, seletivamente, nos quatro cantos da cidade. Um trabalho cão para uma experiência que está se revelando fantástica na prática.

Funciona assim:

O participante é chamado a uma cabine onde é fotografado por uma webcam e, com auxílio de operadores de um software de retrato falado, vai montando na tela do computador como imagina seu contorno do queixo, o desenho da boca, o nariz, o cabelo, só de olhos são mais de 1500 pares a escolher. O processo dura vinte minutos e, no final, o auto-retrato falado é impresso ao lado da foto real em um postal.

Ainda que você não queira participar, vale a pena conferir o mural da mestiçagem que vai tomando conta da instalação. Alguns ficam parecidíssimos, outros bem mais bonitos, há também quem mude de sexo, de identidade, de cor... Um andar acima, o museu oferece as mostra China Hoje e Instantâneos da Felicidade (Coleção Maison de la Photographie de Paris), tudo de graça. Do outro lado da rua, na Casa França-Brasil, passei uma boa meia hora tentando entender o processo criativo do francês Georges Rousse em suas fotos de intervenções artísticas em ambientes arquitetônicos, um negócio louquíssimo.

Programação que pode se estender sem custos por muitos outros espaços de arte espalhados pela cidade. Optei por aproveitar o tempo que restava até o pôr-do-sol para dar uma olhada na estranha sensualidade das fotos de Irina Ionesco (espelhos de Luz e sombra), cartaz da galeria Sesc Copacabana, e nem sei se fiz a melhor escolha. Tinha a Foto-Rio 2007, no Centro Cultural Justiça Federal, com onze individuais de craques como Rogério Reis e Cássio Vasconcelos, mais a pintora Vera Fischer em Botafogo, Portinari no Moreira Salles, Valéria Costa Pinto na Casa do Saber....

Faça você o seu roteiro e, no voltar para casa, experimente a sensação de que o Rio de Janeiro do noticiário – esse que não tem vergonha, decência ou juízo – é mera ficção. Ou não seria habitado por esse povo educado que a gente encontra quando visita o mundo das artes plásticas. Pode até não ser bem assim, museu não é exatamente marca registrada do lugar onde vivemos, mas é um santo remédio para a auto-estima ferida do carioca. Xô , depressão! Ao primeiro sinal de indignação crônica, dê um pulinho no CCBB. É tiro e queda! A persistirem os sintomas, procure um médico.

Tutty Vasques

Veja Rio, 20 de Junho, 2007.

Pg. 98

Cursos:

CURSO DE INICIAÇÃO ÀS AÇÕES BÁSICAS DE CONSERVAÇÃO E PRESERVAÇÃO

Ministrante:

Helena Lúcia Cardoso Antunes - Museóloga e restauradora de papel e têxteis.

Ementa: A proposta é oferecer iniciação às ações básicas de conservação e preservação em papel e têxteis. Oferecer noções teóricas e práticas dos princípios gerais de tratamento de conservação. Contemplará ainda breves exposições sobre os materiais trabalhados.

Início e Horário: As aulas serão ministradas as quartas, orientando-se pelos seguintes horários:

INICIO: Setembro de 2007

HORARIO: Das 18 às 21 horas.

Duração: Cada módulo terá duração de quatro aulas.

Objetivos: Municionar o aluno de:

- Noções acerca da história e desenvolvimento do papel;
- Noções de formas de combate aos agentes agressores do papel;

- Noções básicas de medidas de conservação de acervo documental;
- Noções básicas de conservação de encadernações.
- Noções básicas sobre a conservação e preservação dos têxteis;
- Cuidados básicos na manipulação e no acondicionamento dos têxteis;
- Cuidados básicos no trabalho;
- Noções básicas de higienização e acondicionamento de têxteis.

CERTIFICADOS emitidos pelo COREM/2ª região.

Investimento:

Registrados no COREM-2ª Região: R\$ 200,00 por técnica (têxteis ou papel).

Outros Profissionais: R\$ 250,00 por técnica (têxteis ou papel).

Estudantes: R\$ 150,00 (com apresentação de comprovante).

Contatos: 2257-1461; 9662-4193; 9659-8238; helena_antunes@yahoo.com.br

ou 2233.2357 (Corem/2ª Região)

ANUIDADE 2007

Anuidade Pessoa Física:

Julho: R\$ 181,44 até 31/07

Agosto: R\$ 184,80 até 31/08

Importante: o pagamento parcelado deverá ser feito na sede do COREM mediante a entrega de cheque pré-datado para quitação das parcelas (Art. 4º - Resolução COFEM 04/2005).

Anuidade Pessoa Jurídica:

Julho: R\$ 355,10 31/07

Agosto: R\$ 388,60 31/08

Importante 2: Após 31 de março de 2006 as anuidades para Pessoas Físicas e Jurídicas, sofrerão acréscimos mensais no valor de 2%, sendo 1% de juros de mora e 1% de multa. (Art. 6º - Resolução COFEM 01/2006).

Taxas:

- Taxa de Inscrição de Pessoa Física e Jurídica: R\$ 44,00

- Expedição da Cédula de Identidade Profissional e Certificado de Funcionamento de Pessoa Jurídica: R\$ 44,00

- Substituição ou 2ª Via da Cédula de Identidade Profissional: R\$ 44,00

- Certidões ou Declarações: R\$ 44,00

Obs.: Lembramos que os profissionais e/ou empresas em débitos dos anos anteriores, deverão quitar seus débitos através da "MARIOTTI ASSESSORIA E COBRANÇAS LTDA", pelo telefones: 2240-2639/2220-8822/ 2532-7280.

- A QUITAÇÃO DA ANUIDADE 2007 NÃO QUITA DÉBITOS ANTERIORES -

CONSELHO REGIONAL DE MUSEOLOGIA - 2ª REGIÃO [RJ - MG - ES]

Rua Álvaro Alvim, 48 salas 403 / 404 - Rio de Janeiro/RJ - 20031-010

Telefax: 21 2233-2357 / E-mail: corem2r@rionet.com.br

NOVO HORÁRIO: Segunda a Sexta: 12h às 18h

Se você não quiser mais receber o Corem 2ª Região - NOTÍCIAS ON LINE, envie-nos e-mail com o assunto: **Exclua-me da lista.**

Se você conhece o Corem 2ª Região - NOTÍCIAS ON LINE, mas não o recebe em seu endereço eletrônico, envie-nos e-mail com o assunto: **Inclua-me na lista.**

Este Boletim é atualizado ao longo do mês.

